

Much ado about nothing

Uma das razões pelas quais não se deve atribuir muita importância ao Panorama Econômico Global do Banco Mundial, divulgado na semana passada, está no próprio documento. Lá pelas tantas, o texto informa que o prognóstico para a economia brasileira neste ano foi revisto de uma recessão de 3,9% (que era a previsão em março último) para crescimento zero.

Diz assim *en passant*, como se fosse trivial. Mas convém reparar: uma queda no Produto Interno Bruto de 3,9% é uma hecatombe. Sendo o PIB brasileiro de R\$ 1 trilhão, significaria perder produção no valor de R\$ 39 bilhões. Com crescimento zero, o índice nacional de desemprego foi a 8%. Com a recessão de 3,9%, chegaria perto dos 20%.

Era isso que o Banco Mundial dizia em março último. Seis meses depois, não era bem assim. O Brasil recuperou seus R\$ 39 bilhões e o índice de desemprego registra ligeira queda.

A favor do Banco Mundial, deve-se dizer que muitos cenários para a economia brasileira, preparados no primeiro semestre, desenhavam um futuro ainda pior. O que nos leva a concluir que o problema não está no Panorama do Banco Mundial, mas nas previsões em geral.

Como são feitas? Consideram-se os dados disponíveis até o momento, no país e no mundo, e

fazem-se diversas hipóteses sobre o comportamento futuro, sempre considerando que a economia local vai funcionar mais ou menos como funcionou no passado ou como funciona em nações parecidas. Infelizmente para quem faz as previsões – ou “cenários” –, porém, a economia não é uma ciência exata baseada na observação de relações de causa e efeito, mas uma ciência na qual as causas não são estáveis e nem sequer a mesma causa produz sempre o mesmo efeito. Os chamados agentes econômicos – categoria que inclui desde os megainvestidores até a dona de casa que faz compras no supermercado, passando pelos que poupam um pedacinho do salário – frequentemente mudam seus comportamentos, e suas compras, por mera expectativa, uma variação no estado de espírito, mais ou menos confiança. E lá se vão as previsões.

Não são, porém, totalmente inúteis. Dão uma idéia geral, alertam para possíveis obstáculos e, num movimento reverso, influenciam as expectativas, especialmente o prognóstico do Banco Mundial, uma agência internacional.

O que nos diz, então, esse Panorama 2000?



Nenhuma novidade. Informa que reformas e privatizações já feitas devem render frutos na próxima década. E então?

Observa que o crescimento da dívida interna e o reduzido nível da poupança nacional requerem um forte ajuste fiscal. Ou seja, que o Brasil precisa equilibrar suas contas públicas. Soa estranho? Faz a ressalva de que o ajuste fiscal, sendo necessário num momento de estagnação e de desemprego, enfrenta resistência. A frase pode ser aplicada a qualquer país do mundo em situação semelhante. Por exemplo, há resistência ao ajuste na Alemanha. Por aqui, há anos apontamos esse problema político para explicar por que as reformas avançam penosamente.

Observa ainda o relatório do Banco Mundial que a recuperação econômica nos próximos dois anos será gradual, justamente por causa daquela resistência e da tal “fadiga das reformas”, expressão na qual muitos quiseram ver uma crítica ao chamado neoliberalismo.

Uma bobagem ideológica. A tese do relatório é o contrário: que o Brasil precisa de mais ajuste fiscal; que, se o fizesse, o País e toda a América Latina cresceriam mais depressa; que as resis-

tências e a “fadiga” impõem um ritmo mais lento, nas reformas e no crescimento. Uma revelação?

Já terá percebido o leitor por que não devemos gastar muito tempo para saber quanto o Banco Mundial prevê que o Brasil vai crescer.

Números à parte, podemos concordar com duas conclusões do seu relatório sobre a América Latina. A primeira: “Apesar dessas incerte-

zas, as perspectivas de longo prazo – em contraste com aquelas dos anos 80 e 90 – são favoráveis, na medida em que se realizem os ganhos de eficiência decorren-

**Previsões
econômicas
são úteis mas
os fatos não
as seguem ao
pé da letra**

tes de reformas feitas.” A segunda: “O crescimento do fator produtividade total, na região, deve manter sua tendência ascendente na medida em que o Brasil, a última das grandes economias a embarcar na liberalização, supere suas dificuldades atuais.”

Pode-se resumir tudo isso em duas frases: se fizermos reformas, vamos crescer; é difícil fazer reformas.

Incrível, não é mesmo?